RICFAMMA
Revista de Iniciação Científica da Unifamma

CONSIDERAÇÕES SOBRE O NARCISISMO E O DECLÍNIO DOS LAÇOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Eduardo Henrique Balan[1]
Ana Flávia Cicero Conde[2]

Resumo: O presente estudo tem como objetivo compreender as relações entre o narcisismo e o declínio dos laços sociais na contemporaneidade a partir da perspectiva psicanalítica. Para isso foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo. Esse estudo versa sobre o narcisismo, que muitas vezes é discutido de forma metafórica, como se fosse sinônimo de egoísmo, e que além de ser um fenômeno psicológico, é um fenômeno social, característico da cultura contemporânea. Levando isto em consideração, e partindo do pressuposto que no passado as relações sociais mostravam-se mais duradouras, enquanto que as de agora parecem estar mais superficiais, torna-se possível criar a hipótese de que, se há no sujeito contemporâneo características narcísicas, estas podem estar corroborando com o declínio e a fragilidade dos laços sociais na atual cultura.

Palavras-Chave: Narcisismo. Laços Sociais. Psicanálise. Contemporaneidade.

Abstract: The present study aims to understand the relations between narcissism and the decline of social ties in contemporary times from the psychoanalytic perspective. For this, a qualitative bibliographical research was developed. This study deals with narcissism, which is often discussed metaphorically, as if it were synonymous with selfishness, and which, in addition to being a psychological phenomenon, is a social phenomenon, characteristic of contemporary culture. Taking this into account, and assuming that in the past social relations were more lasting, while those of now seem to be more superficial, it becomes possible to create the hypothesis that, if there are narcissistic characteristics in the contemporary subject, these may be corroborating with the decline and fragility of social ties in the current culture.

Keywords: Narcissism. Social Ties. Psychoanalysis. Contemporaneity.

[1] Graduando do Curso de Psicologia pelo Centro Universitário Unifamma. E-mail: eduardo.hbalan@gmail.com
[2] Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em psicologia organizacional e do trabalho pela Faculdade Cidade Verde. Mestre e doutoranda em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Metropolitano de Maringá e do Centro Universitário Unifatecie. Psicóloga do CRAS do município de Marialva. E-mail: ana.cicero@unifamma.edu.br.

RICFAMMA
Revista de Iniciação Científica da Unifamma

INTRODUÇÃO

O narcisismo se trata do amor pela imagem de si mesmo. Esse termo foi introduzido por Freud (1914/2010), sendo descrito como o movimento que o sujeito faz de tomar a si mesmo como objeto de amor, tendo dado o nome de narcisismo por referência ao mito grego de Narciso. Tal conceito foi ainda abordado em outras obras do mesmo autor, como “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber)” (1911/2010) e “Totem e Tabu” (1913/2010), e vem sendo discutido nas últimas décadas como um fenômeno característico da cultura contemporânea.

Quanto às discussões que relacionam o narcisismo com os fenômenos contemporâneos, Lazzarini e Viana (2010) alertam sobre algumas queixas que vem aparecendo demasiadamente na clínica psicanalítica, a saber, os sentimentos de vazio interior e a incapacidade de sentir não só as coisas, mas também, as pessoas. As autoras apontam que, na contemporaneidade, vem sendo observada nos sujeitos certa dificuldade em enfrentar as instâncias públicas, levando-os a encontrar um maior espaço na sua vida interior, o que caracterizaria uma subjetividade narcísica (LAZZARINI; VIANA, 2010).

Em “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930/2010), ao ser discorrido a respeito dos laços sociais, a relação com o outro é apresentada como uma das três fontes de sofrimento que atingem os indivíduos. O autor supracitado aponta que nas relações o outro serve tanto como um objeto de amor, a fim de satisfazer nossas necessidades sexuais, como também um objeto de ódio, para o qual direcionamos nossa agressão. O autor indica essa agressão como um fator que prejudica as relações, levando os indivíduos a buscarem maneiras de inibir seus impulsos agressivos.

Considerando que a relação com o outro é fonte de sofrimento e que os sujeitos contemporâneos são demarcados por características narcísicas, levantamos a hipótese de que o narcisismo presente nos sujeitos atuais pode estar atrelado ao declínio dos laços sociais na contemporaneidade. Diante disso, o narcisismo foi eleito como objeto de estudo deste trabalho e foi traçado o objetivo geral de compreender e refletir sobre o narcisismo, enquanto um conceito psicanalítico e um fenômeno social,

de forma que foi, primeiramente, tomado como um importante elemento psicológico a ser estudado e, posteriormente, foi relacionado com o declínio dos laços sociais na contemporaneidade.

Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi (2003), “[...] é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (p. 158), dessa maneira, foram feitas pesquisas em bases de dados nacionais, seleção, leitura, análise e interpretação de livros e artigos de revistas científicas. Como critérios de inclusão, os artigos deveriam abordar temáticas envolvendo o narcisismo, o declínio dos laços sociais e a contemporaneidade, aliados a discussões psicanalíticas, clínicas e culturais, além de terem versão disponível em português.

O NARCISISMO ENQUANTO FENÔMENO PSICOLÓGICO

A fim de compreender o narcisismo enquanto fenômeno psicológico é necessário primeiramente recorrer à origem desse fenômeno. No início do presente estudo foi abordado que no narcisismo o sujeito faz o movimento de tomar a si mesmo como objeto de amor, mas como isso se dá? Freud (1914/2010) aponta que o narcisismo seria “[...] o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (FREUD, 1914/2010, p.15).

Para além dessa conceituação do termo narcisismo, Lasch (1979/1983) vai lembrar-nos que Freud (1923/1983) reconheceu a importância dos impulsos não sexuais, como a agressão, por exemplo, e a sua relação com o supereu. Dessa forma, aponta Lasch (1979/1983), seria possível compreender o narcisismo não como um amor-próprio, mas sim, como uma defesa contra os impulsos de agressão, devido ao fato de que, em sua formação psíquica o amor rejeitado pode voltar-se contra o sujeito como ódio (LASCH, 1979/1983).

Para uma discussão mais clara acerca do narcisismo, faz-se importante discutir sobre dois conceitos valiosos que aparecem na obra de Freud (1914/2010), a saber, o narcisismo primário e o narcisismo secundário.

O narcisismo primário, como aponta Laplanche e Pontalis (2001), seria “o estado em que a criança investe toda a sua libido em si mesma” (p.290). Como visto em Freud (1914/2010), esse conceito corresponderia a um momento bem primitivo em que ainda não há diferenciação entre o sujeito e o mundo exterior, e por conta disso, a criança toma a si mesmo como objeto de amor antes de conseguir investir sua libido no outro (FREUD, 1914/2010).

Seguindo a mesma ideia, Lasch (1979/1983) assinala que a criança, no estado de narcisismo primário “ainda não percebe sua mãe como possuindo uma existência separada da sua própria, e, em consequência, confunde a dependência da mãe, que satisfaz suas necessidades logo que surgem, com sua própria onipotência” (p.60). Isso então se permanece até que ao longo de seu desenvolvimento a criança perceba que há uma diferenciação entre ela e sua mãe, que não é ela que satisfaz as suas próprias necessidades, mas sim, o outro (LASCH, 1979/1983).

Antes de partirmos para o narcisismo secundário, na tentativa de estabelecer uma linha cronológica, consideramos importante esclarecer que o narcisismo primário não deve ser confundido com o autoerotismo, visto que, o narcisismo primário estaria numa fase que apareceria depois do autoerotismo e permaneceria até que a criança passasse a fazer uma escolha objetal exterior. Freud (1911/2010), ao discutir sobre o mecanismo da paranoia no caso Schreber, destaca esta ideia dizendo:

> Pesquisas recentes chamaram nossa atenção para um estágio, no desenvolvimento da libido, pelo qual se passa no caminho do autoerotismo ao amor objetal. Ele foi chamado de Narcisismo. Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto (FREUD, 1911/2010, p.80).

Entendendo, então, o narcisismo primário, podemos partir para o narcisismo secundário. O narcisismo secundário corresponde ao momento em que a criança retira do mundo exterior a sua libido e passa a investir nela novamente. Freud

(1914/2010) mostra que “[...] a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo” (p.16).

Numa nova tentativa de buscar uma linha cronológica, podemos dizer que, passada a fase do narcisismo primário, a criança percebe que há um outro que satisfaz as suas necessidades e ela passa então a investir a sua libido nesse outro, a saber, a sua mãe ou figura cuidadora, configurando o que Freud (1914/2010) chamou de escolha objetal do tipo de apoio.

Ao investir a sua libido no outro, a criança percebe que esse outro não investe só nela, mas tem interação também com outros. Percebe também que o objeto amado não responde de imediato as suas necessidades, o sujeito, então, sente-se de certa forma abandonado pelo objeto do qual tanto depende. Assim, como coloca Freud (1914/2010), “[...] a dependência do objeto amado tem efeito rebaixador” (p.46), a criança ao ver-se impotente e incapaz, na tentativa de anular essa frustração retira uma parte da libido investida no outro e investe novamente no Eu. Nas palavras de Freud (1914/2010):

> Sendo a libido reprimida, o investimento amoroso é sentido como grave diminuição do Eu, a satisfação amorosa é impossível, o reenriquecimento do Eu torna-se possível apenas retirando a libido dos objetos. O retorno da libido objetal ao Eu, sua transformação em narcisismo, representa como que um amor feliz novamente e, por outro lado, um real amor feliz corresponde ao estado primordial em que libido de objeto e libido do Eu não se distinguem uma da outra. (FREUD, 1914/2010, p.47)

É importante ressaltar que, como visto em Freud (1914/2010), essa libido que agora volta para o Eu, não é mais semelhante àquela que foi vivenciada no narcisismo primário onde toda a libido era investida no próprio sujeito. Para o desenvolvimento do Eu da criança é necessário um afastamento do narcisismo primário, então uma parcela da libido é investida novamente no Eu enquanto outra quantia ainda continua sendo investida nos objetos externos. Na tentativa de afastar-se do narcisismo primário, parte da libido é deslocada para um ideal do eu que segundo Laplanche e Pontalis (2001) “[...] constitui um modelo a que o sujeito procura conforma-se” (p.222) que seria feito por meio da identificação com os pais ou seus substitutos. Sendo assim,

o ideal do Eu seria uma espécie de formação narcísica que permanece no sujeito e a satisfação viria a partir do cumprimento desse ideal (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Dessa forma, no narcisismo secundário, o amor a si mesmo fica como que 'dividido' em três partes, a primeira parte vem daquilo que restou do narcisismo infantil, a segunda parte vem da onipotência que se origina com o cumprimento do ideal do eu, ou seja, da identificação com os pais, e a terceira parte, vem da satisfação da libido objetal (FREUD, 1914/2010).

Quanto a esses dois conceitos, isto é, narcisismo primário e narcisismo secundário, pode-se entender que o narcisismo seria uma condição para a formação do Eu do indivíduo, assim como apontado por Laplanche e Pontalis (2001):

> Se quisermos conservar a distinção entre um estado em que as pulsões sexuais se satisfazem de forma anárquica, independentemente uma das outras, e o narcisismo, em que o ego na sua totalidade é tomado como objeto de amor, seremos levados a fazer coincidir a predominância do narcisismo infantil com os momentos formadores do ego (p.288).

Com isso compreendemos a relevância do narcisismo na dinâmica psíquica e podemos abordar um outro aspecto seu, que é aquele chamado por Lasch (1979/1983) de narcisismo patológico.

Lasch (1979/1983) indica que o narcisismo patológico só pode surgir, quando o sujeito já tem um Eu formado a tal ponto que consiga reconhecer a sua existência própria separada da existência dos outros que estão a sua volta e ele demonstra sua presença nas situações em que a criança experimenta algum trauma de separação com intensidade especial, podendo, a partir disso, "[...] tentar restabelecer relações mais anteriores, criando em suas fantasias uma mãe ou pai onipotentes, que se mesclam a imagens de seu próprio eu" (LASCH, 1983, p.61).

Com esse movimento a criança tenta recriar uma relação amorosa ideal, ao mesmo tempo em que tenta eliminar os sentimentos de culpa, gerados pelos impulsos agressivos que na fantasia ela dirigiu aos objetos externos (LASCH, 1979/1983).

O autor supracitado explica que, a criança narcisista ao sentir-se ameaçada por seus impulsos agressivos tenta equilibrá-los com fantasias de onipotência, com esse movimento, essa sensação de onipotência faz com que a criança se proteja tanto de

si mesma, quanto dos que estão a sua volta que não lhe parecem confiáveis. (LASCH, 1979/1983).

André Green (1988), que se debruçou na temática do narcisismo, a partir da teoria das pulsões de Freud, propõe o narcisismo positivo, que estaria ligado à pulsão de vida, e o narcisismo negativo, relacionando-o com a pulsão de morte.

Para Green (1988), o narcisismo positivo aparece quando a mãe, ou a figura cuidadora, consegue fazer funcionar o amor objetal, ou seja, quando a criança investe a sua libido no objeto externo e este desempenha um papel que o autor chama de espelho ou de Eu auxiliar, ajudando a criança a lidar com suas pulsões, tornando-as toleráveis e proporcionando-a uma satisfação pulsional, que "[...] dá a criança a sensação de ser amada e constitui paralelamente o narcisismo positivo e a crença no amor objetal" (GREEN, 1988, p. 156).

Em contrapartida, o narcisismo negativo surge quando o objeto não cumpre este papel de espelho ou de Eu auxiliar, fazendo surgir então uma segunda fonte de conflito. O autor supracitado explica que neste caso, a criança além de ter que lutar com as pulsões, passa também a lutar contra o objeto, colocando em jogo as pulsões de destruição, interferindo no objeto externo, no objeto interno e no próprio Eu. A partir deste momento, tudo será odiado, tanto a realidade externa, como a realidade interna. O mecanismo do narcisismo, ou seja, a tentativa de retirar a libido que foi investida nesse objeto que não cumpriu seu papel não será mais suficiente para que o sujeito possa se conformar novamente. Sendo assim, busca-se uma neutralização pelas pulsões de destruição, onde: "[...] o narcisismo, de positivo, se tornará negativo. Negativo em todos os sentidos do termo. Negativo no sentido de contrário do positivo: o bom torna-se mau, e negativo no sentido da nadificação onde Eu e objeto tendem a anulação mútua" (GREEN, 1988, p.158).

O NARCISISMO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL

Após a compreensão do narcisismo, atentando-se para as conceituações psicanalíticas a respeito do tema, torna-se possível partir para outra discussão que se

faz pertinente ao presente trabalho, a saber, o narcisismo enquanto um fenômeno social, característico da cultura contemporânea.

E como seria possível fazer isso? Lasch (1979/1983) coloca que: “[...] com base no princípio de que esta patologia representa uma versão intensificada da normalidade, o ‘narcisismo patológico’ encontrado em desordens do caráter deveria dizer-nos algo sobre o narcisismo enquanto fenômeno social” (p.63). Dessa maneira, a intenção aqui é a de apresentar as características dessa patologia, de forma sintetizada, e compará-la com os indivíduos em nossa cultura atual.

Lazzarini e Viana (2010), ao discutirem sobre o narcisismo na clínica contemporânea, colocam que os sintomas neuróticos clássicos, como se via na época de Freud (1895), por exemplo, foram substituídos pelas desordens narcísicas, a saber, sentimentos de vazio, perturbações vagas, e dificuldade de sentir as pessoas, que entram em conformidade com uma sociedade mais desregrada em que vivemos hoje.

Do mesmo modo, Lasch (1979/1983), assinala que nos últimos anos se tornou mais comum aparecer na clínica pacientes fronteiriço, que se queixam:

> De insatisfação difusa, vaga, com a vida, e sente que sua “existência amorfa é fútil e sem finalidade”. Ele descreve “sentimentos de vazio sutilmente experimentados, embora penetrantes, e de depressão”, “oscilações violentas da autoestima” e “uma incapacidade geral de progredir” (LASCH, 1979/1983, p.61).

Lazzarini e Viana (2010) apontam que na atualidade, os indivíduos estão fazendo o movimento de buscar serem perfeitos. Mas, como fazem esses indivíduos para conseguir lidar com essa exigência? Explicam as autoras: “[...] Podemos formular a resposta de que a forma mais comumente encontrada é a de tentar banir os afetos humanos básicos como a angústia e a tristeza do luto procurando dispositivos para sedá-los” (LAZZARINI; VIANA, 2010, p.271).

Lasch (1979/1983) destaca que é possível relacionar as características da personalidade narcisista com certos traços da cultura contemporânea, a saber, o medo da velhice e da morte, o encanto pela celebridade, a superficialidade em experiências emocionais, fantasias de onipotência etc. Para ele, é possível que o indivíduo narcisista possa “funcionar” na sociedade e até conseguir chamar a atenção das outras pessoas, porém, a sua falta de interesse para com os outros faz com que

tenha relações muito rasas, gerando então um sentimento de vazio. Esses indivíduos se apresentam para os outros de forma grandiosa, onipotente, porém por dentro escondem a necessidade de admiração, como se as outras pessoas tivessem que afirmar o quão grandioso eles são. Dessa maneira: “[...] seu medo de dependência emocional, junto à sua abordagem exploradora, manipuladora, das relações pessoais, tornam essas relações amenas, superficiais e profundamente insatisfatórias” (LASCH, 1979/1983, p.65).

Muito se tem a discutir sobre nossa sociedade atual e sobre os indivíduos inseridos nela, a intenção aqui não é propor que estamos rodeados de indivíduos narcisistas e manipuladores, mas que parece haver, de fato, algo na sociedade atual que está fazendo com que cada vez mais características narcísicas se sobressaiam nos indivíduos.

Como proposto no capítulo anterior, entende-se com a leitura de Freud (1914/2010), que o narcisismo seria uma condição como que necessária para a formação do Eu do sujeito, mas uma condição bem primitiva. Dessa forma, torna-se possível questionar se a nossa sociedade poderia ser percebida como um lugar, como aponta Lasch (1979/1983), “perigoso e repulsivo” (p.77), a tal ponto, de fazer com que os indivíduos “busquem”, ou “resgatem” essa condição primitiva, e que com o intuito de se protegerem, façam tentativas de retirar a libido do mundo exterior e investi-la em si mesmos?

OS LAÇOS SOCIAIS NA PSICANÁLISE

Ao discutir sobre os laços sociais na psicanálise fala-se de relações de objeto. Freud (1914/2010) apresenta dois tipos de escolhas objetais que o sujeito pode fazer. Na primeira delas, o autor discorre que a mãe ou a figura cuidadora é quem se torna o primeiro objeto de amor da criança, na qual ela investe a sua libido. A esse tipo de escolha objetal Freud (1914/2010) deu o nome de “tipo de apoio”. Este é o primeiro tipo de escolha objetal que Freud (1914/2010) propôs e na qual se pode dizer que se constituem os laços sociais, pois na medida em que um indivíduo investe a sua libido em objetos externos, ou seja, no outro, é que busca criar relações com ele.

Em “Totem e tabu”, Freud (1913/2010) faz uma tentativa de explicar a origem da estrutura social através de um mito. Conta que existia um pai totêmico, que possuía todas as mulheres e proibia os filhos de ter relações sexuais com elas. Os filhos, dominados pela inveja do pai, uniram-se para matá-lo e comê-lo. Dessa forma, acreditavam que ganhando a força do pai, poderiam ter acesso a tudo aquilo que ele tinha, porém após este ato os irmãos se arrependeram e sentiram-se culpados. Sendo assim, privaram-se das mulheres que agora com a morte do pai estavam liberadas, instituindo a proibição do incesto e, também, estabeleceram a proibição de assassinar quem substituiu o pai:

> Os irmãos haviam se aliado para vencer o pai, mas eram rivais uns dos outros no tocante às mulheres. Cada um desejaria, como o pai, tê-las todas para si, e na luta de todos contra todos a nova organização sucumbiria. Nenhum era tão mais forte que os outros, de modo a poder assumir o papel do pai. Assim, os irmãos não tiveram alternativa, querendo viver juntos, senão — talvez após superarem graves incidentes — instituir a proibição do incesto, com que renunciavam simultaneamente às mulheres que desejavam, pelas quais haviam, antes de tudo, eliminado o pai (FREUD, 1913/2010, p. 142).

Pode-se entender através desse mito de Freud (1913/2010) que essas proibições, tanto a da morte do pai, quanto à do incesto, permitiram que os irmãos criassem e mantivessem os laços sociais, visto que a proibição da morte do substituto do pai significa não matar também os irmãos. A proibição do incesto significa não tornar os irmãos rivais e mantê-los em união.

Quando se olha para como os laços sociais se constituem na sociedade moderna, percebe-se que os indivíduos se reúnem e se relacionam em massas, grandes ou pequenos grupos. Segundo Freud (1921/2010), a massa causa um aumento da afetividade do indivíduo, o autor aponta que para uma massa ser formada é necessário:

> [...] que esses indivíduos tenham algo em comum, um interesse partilhado num objeto, uma orientação afetiva semelhante em determinada situação e (eu acrescentaria: em consequência) um certo grau de capacidade de influenciar uns aos outros. Quanto mais fortes essas coisas em comum, mais facilmente se forma, a partir dos indivíduos, uma massa psicológica, e mais evidentes são as manifestações de uma “alma coletiva” (FREUD, 1921/2010, p. 25).

O autor supracitado explica que os indivíduos em grupo percebem o estado afetivo um do outro. Uma vez que se percebe esse afeto, os indivíduos fazem ligações libidinais entre si, deixam-se levar pelo afeto formado colocando de lado suas próprias opiniões, permanecendo de acordo com a maioria. Quanto maior o número de pessoas, mais esse afeto torna-se forte entre estes sujeitos, dando a eles uma sensação de onipotência (FREUD, 1921/2010).

No início do presente capítulo, foi apresentado o primeiro tipo de escolha objetal proposto por Freud (1914/2010), o “tipo de apoio”, a qual foi mencionada para que fosse possível entender como se dão as relações de um indivíduo para com outros. Mas, visto que o presente trabalho tem como foco o narcisismo e o declínio dos laços sociais, faz-se importante mencionar como se dá o rompimento dessas relações, para isso, utilizar-se-á o segundo tipo de escolha objetal proposto por Freud (1914/2010), que ocorre em alguns casos, em que a criança ao invés de escolher a mãe ou a figura cuidadora como seu objeto de amor acaba escolhendo a si mesmo, e esse tipo de escolha objetal foi o que Freud (1914/2010) chamou de “tipo narcísico”.

Pode-se dizer que, de certo modo, o rompimento do laço social se dá na medida em que o sujeito desinveste a sua libido do objeto externo, retornando-a ao Eu, de maneira excessiva, o que implicaria num desinvestimento total ou quase total dos objetos externos. Nesse sentido, se faz valer a colocação de Freud (1914/2010), segundo a qual “[...] enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra” (p. 17).

Outro modo possível de explicar esse rompimento do laço social seria através das pulsões do Eu, no qual Freud (1915/2010) coloca que o ódio é mais antigo que o amor e que ele viria da rejeição do mundo externo, levando em consideração que o objeto externo pode causar desprazer ao indivíduo, gerando o ódio. “Quando a relação de amor com um determinado objeto é rompida, não é raro que o ódio tome o seu lugar, como que temos a impressão de que o amor se transformou em ódio” (FREUD, 1915/2010, p. 80).

Portanto, pode-se entender que, na psicanálise, falar de laços sociais implica entender como se dão as relações objetais dos indivíduos e como eles investem a sua

libido, viu-se que o investimento da libido num objeto externo implica no amor ou no ódio, possibilitando a criação de laços entre os sujeitos, ao passo que o desinvestimento retira os investimentos feitos nos objetos e, consequentemente, leva ao rompimento dos laços. Utilizar-se-á desse entendimento no próximo capítulo a fim de relacionar o narcisismo com o declínio dos laços sociais na contemporaneidade.

SOBRE O DECLÍNIO DOS LAÇOS SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM O NARCISISMO

Na tentativa de propor uma possível relação entre o narcisismo e o declínio dos laços sociais na contemporaneidade faz-se necessário recorrer a Green (1988) que, ao se questionar sobre como se dá à comunicação com o outro, assiná-la que “[...] sabemos que o principal obstáculo a uma tal comunicação é o narcisismo” (p.143).

Partindo dessa premissa, pode-se iniciar uma relação retomando o significado da palavra narcisismo, o amor por si mesmo. Bauman (2004) apresenta o amor-próprio como um fenômeno ambivalente, pois ao mesmo tempo em que estimula os seres humanos a permanecerem vivos, pode também agir contra a vida. Para ele, o que sustenta o amor-próprio é a esperança de ser amado pelos outros, se este amor que vem do outro é recusado, se alimenta uma auto aversão, ao invés de um amor-próprio, “o amor-próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros. Se na sua construção forem usados substitutos, eles devem parecer cópias, embora fraudulentas, desse amor” (BAUMAN, 2004, p.46).

Dessa maneira, torna-se possível pensar o amor por si mesmo, no narcisismo negativo, como um fenômeno que dificulta a relação com o outro, visto que “[...] a recusa do objeto é uma necessidade vital para o narcisista” (GREEN, 1988, p. 182). Para que se tenha um amor-próprio, é preciso que se seja amado pelo outro, o narcisista, porém, precisa se sentir separado do objeto, tem a necessidade de uma autonomia, e por isso se inclina à megalomania, a frieza, a indiferença e a distância, pois tudo isso se torna “[...] eficazes escudos contra os golpes vindos do objeto” (GREEN, 1988, p.171).

Bauman (2004), ao descrever sobre o funcionamento do apaixonar-se e desapaixonar-se na contemporaneidade, parece exemplificar esses escudos narcisistas citados anteriormente, pois indica que “[...] a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar” (p.13).

Percebe-se que há no sujeito narcisista uma notável ambivalência. Uma de suas características mais comum é a sua onipotência, porém ela por si só não é autossuficiente, o sujeito tem a necessidade de que o objeto reconheça o quão “poderoso” ele é. Dessa forma, o narcisista investe sua libido no objeto e se aproxima dele como se estivesse tentado a apaixonar-se, porém, ao aproximar-se do objeto se vê logo invadido e retira então, parte dessa libido investida. O que se observa é um forte desejo de escapar, pois “acuado nas suas defesas extremas, o sujeito ficará preso entre a angústia de separação que significa a perda do objeto e a angústia de intrusão, o perigo de sua invasão [...]” (GREEN, 1988, p. 171).

Essa ambivalência citada anteriormente prejudica a criação de vínculos afetivos e sociais, visto que leva o sujeito a criar relações mais superficiais com o seu objeto, ora investindo, ora desinvestindo, este tipo de comportamento ambivalente é observável em nossa cultura contemporânea, como indica Lasch (1979/1983), ao afirmar que se pode observar “[...] dependência do calor vicário proporcionado pelo outro, combinada a um medo da dependência [...]” (p.57).

Cabe ressaltar neste momento que, o objetivo deste capítulo não é o de propor que os indivíduos inseridos na cultura contemporânea são narcisistas, nem tampouco apresentar os motivos que levam os sujeitos a manifestarem essas características narcisistas. O propósito deste capítulo é fazer uma aproximação entre as características que o narcisismo apresenta e os aspectos que as pessoas da atual cultura manifestam. Assim, como esclarecido por Lasch (1979/1983), “toda sociedade reproduz sua cultura — suas normas, suas presunções subjacentes, seus modos de organizar as experiências — no indivíduo, na forma da personalidade” (p. 58), que, no caso da cultura contemporânea, parece ser um tipo de personalidade com traços narcisistas.

Um aspecto importante a se discutir, que frequentemente pode ser observado em nossa atual cultura, é o nível exagerado de competitividade e desconfiança entre

as pessoas. Sobre estas características, Bauman (2004) discorre que naturalmente ou, em normais circunstâncias, as pessoas deveriam confiar uma nas outras, e só passariam a desconfiar diante de um ato de falsidade ou mentira. Porém, o autor traz a ideia de que os indivíduos de nossa atual cultura estão todos os dias expostos a narrativas que apontam o sujeito estranho como alguém que não se deve confiar, fazendo com que a desconfiança no outro se torne algo natural. Narrativas essas que segundo Bauman (2004), favorecem a descartabilidade humana, pois “os outros são, em primeiro lugar e acima de tudo, competidores, tramando como qualquer competidor, cavando buracos, preparando emboscadas, torcendo para que venhamos a tropeçar e cair” (p.50). Essa desconfiança e descrença no outro faz com que suas relações sejam sustentadas apenas por um interesse mútuo, este motivo, claramente, é muito raso para manter uma relação em longo prazo:

> Aproximar-se, colocar-se ombro a ombro e trabalhar em equipe fazem muito sentido enquanto o ajudam a avançar em seu próprio caminho. Mas perdem a razão de ser quando não trazem mais benefícios, ou quando estes - esperada ou apenas possivelmente - são menores que os obtidos evitando-se compromissos e cancelando-se obrigações (BAUMAN, 2004, p.50).

E quem seria o sujeito narcisista, se não aquele que confiou, mas foi desapontado pelo outro? Faz-se importante relembrar que, o sujeito, quando percebe que há outro que o satisfaz, vê que este não supre de imediato suas necessidades e não está o tempo todo disponível para ele, dessa forma se sente frustrado e, na tentativa de conformar-se, retira parte da libido investida nesse objeto e a investe novamente em seu Eu, configurando o que Freud (1914/2010) chamou de narcisismo secundário. Tendo este movimento como exemplo, e levando em consideração que o objeto frustrou suas expectativas, o que resta é uma desconfiança no outro. O processo de narcisização, como apontado por Green (1988), “[...] será tanto mais forte quanto o objeto investido tiver decepcionado” (p.153), o autor traz a ideia de que cedo demais o objeto foi um agente de desilusão para o sujeito, foram enganadores, e, por conta disso, o indivíduo perde a fé no outro. O único recurso que resta é compensar essa desconfiança que há no mundo externo, confiando apenas em si mesmo, colocando em jogo a onipotência (GREEN, 1988).

Dessa forma, pode-se colocar este aspecto de desconfiança e descrença no outro como um fator que colabora para o declínio dos laços sociais em nossa cultura atual, característica esta que está presente tanto no sujeito contemporâneo, como nos aspectos narcisistas. Ainda cabe ressaltar que esta característica presente no narcisismo vai provavelmente levar o sujeito a criar relações pautadas apenas num interesse e o levará a fazer com o objeto aquilo que no passado fizeram com ele, então pode fazer o movimento apontado por Bauman (2004) em que a vítima se torna o agressor, de forma que "[...]a vítima se transforme em carniceiro" (p. 49).

O sujeito narcisista, que foi abandonado no passado pelo objeto, poderá fazer o mesmo com os objetos dos quais irá se relacionar devido à sua característica de frieza e a tentativa constante de se manter distante do objeto, exercitando uma clara superficialidade em suas relações, tudo isto porque, como bem elucidado por Lasch (1979/1983) "Falta-lhes a capacidade de sentir pesar, pois a intensidade de sua ira contra os objetos amorosos perdidos, em particular contra seus pais, impede que revivam experiências felizes ou que as guardem na memória" (p.62).

Antes de concluir o presente capítulo, faz-se importante explorar a ideia proposta de um declínio dos laços sociais. Este aspecto refere-se à superficialidade aparente que é observável em nossa atual cultura, sobretudo nas relações amorosas e emocionais. O termo declínio pressupõe que os laços sociais teriam sido mais duradouros no passado e que, com o tempo, estes laços foram se tornando menos consistentes. Bauman (2004) apresenta um tipo de relacionamento que está cada vez mais comum na sociedade atual, um relacionamento que não deve e não precisa ser recíproco, onde se está "amarrado" e ao mesmo tempo livre: "parcerias frouxas e eminentemente revogáveis substituíram o modelo da união pessoal 'até que a morte nos separe' que ainda se mantinha [...]" (BAUMAN, 2004, p.51). O autor supracitado traz a ideia de que, esse tipo de relação vem se tornando frequente, porque há enormes riscos em se investir num relacionamento duradouro, o risco de se tornar dependente de seu parceiro.

Há no narcisista, como fora explorado no início do presente capítulo, medo da dependência do objeto, e este tipo de relacionamento apresentado por Bauman (2004), seria o relacionamento perfeito para o indivíduo narcisista, pois é exatamente

o que ele procura. Lasch (1979/1983) faz a fala de uma paciente que ilustra isso: “’a relação ideal para mim seria um relacionamento de dois meses’. [...] ‘Assim não haveria compromisso. Ao final dos dois meses, eu simplesmente me separaria’” (p.65).

Concluindo esta ideia, do declínio dos laços sociais e da superficialidade das relações presentes tanto no narcisista quanto em nossa atual cultura, é importante apontar as graves consequências desse tipo de relação, bem elucidadas por Bauman (2004):

> Uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa "flexibilidade") marcam todas as espécies de vínculos sociais que, uma década atrás, combinaram-se para constituir um arcabouço duradouro e fidedigno dentro do qual se pôde tecer com segurança uma rede de interações humanas. Elas afetam particularmente, e talvez de modo mais seminal, o emprego e as relações profissionais. Com o desaparecimento da demanda por certas habilidades num tempo menor do que o necessário para adquiri-las e dominá-las; com credenciais educacionais perdendo valor em relação ao custo anual de sua aquisição ou mesmo transformando-se em "equidade negativa" muito antes de sua "data de vencimento" supostamente vitalícia; com empregos desaparecendo sem aviso, ou quase; e com o curso da existência fatiado numa série de projetos singulares cada vez menores, as perspectivas de vida crescentemente se parecem com as convoluções aleatórias de projéteis inteligentes em busca de alvos esquivos, efêmeros e móveis, e não com a trajetória pré planejada, predeterminada e previsível de um míssil balístico (BAUMAN, 2004, p.51).

Seria possível dar uma continuidade às comparações entre o sujeito da atual cultura e as características narcisistas, de modo que existem diversos pontos que não foram citados e poderiam ser explorados, mas correr-se-ia o risco de tornar a leitura repetitiva. Levando isto em consideração, parece não ser mais necessário trazer outras relações existentes, visto que, a intenção deste capítulo foi o de formar uma tríade entre estes autores e mostrar que ambos, ao descreverem fenômenos inicialmente distintos, parecem ao final estarem falando de um único fenômeno, e foram estes pontos em comum que deram evidências de que há sim, a possibilidade de fazer uma relação entre o declínio dos laços sociais e o narcisismo.

CONCLUSÃO

Conclui-se que aquilo que fora proposto inicialmente, a saber, compreender as possíveis relações entre o narcisismo e o declínio dos laços sociais, foi possível, visto que, foi evidenciado que as características narcisistas presentes nos indivíduos contemporâneos corroboram para relações mais amenas e superficiais devido a características como onipotência, falta de interesse nos outros, medo de dependência do objeto, e indiferença. Esta discussão permitiu olhar para o mesmo fenômeno por diferentes óticas, tanto a psicanálise, como as culturais, discutindo o narcisismo como um fenômeno psicológico e social.

A presente pesquisa também ofereceu um olhar mais atento a realidade de nossa atual cultura. Viu-se que, realmente, assim como dizia Lasch (1979/1983), vivemos em um tempo que deixou o ser humano num estado marcante de narcisismo, com todos os seus sintomas patológicos. É possível arriscar-se a dizer, que esta proposição, que fora escrita por volta de 40 anos atrás, não só permanece, como apresenta um agravamento. Portanto, é preciso estar atento, e, partindo do pressuposto de que todos estão sujeitos a apresentarem essas características, torna-se necessário fazer um exercício constante de sair de si mesmo, caso contrário, corre-se o risco de, sem perceber, ao olhar para os outros, não vê-los como outros, mas sim, apenas, como espelhos de seu próprio Eu.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. In: obras completas**, volume 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1914).

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos. In: obras completas**, volume 10. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1911).

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos. In: obras completas**, volume 18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1930).

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. In: obras completas**, volume 11. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1912-1913).

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos. In: obras completas**, volume 15. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1921).

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas S.A, 2003, p.155 – 172.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Trad. Ernani Pavaneli Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983. (Obra original publicada em 1979).

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. **Análise psicológica**, v. 28, n. 2, p. 269 – 280, 2010.